

A TEOLOGIA DA BELEZA

O ÍCONE NA TRADIÇÃO BIZANTINA

"Teólogo é aquele que sabe rezar,"¹ escreveu o padre capadócio São Gregório de Nissa, porque sabe traduzir em termos teológicos a experiência litúrgica de Deus.

Com os dons do Espírito Santo, o cristão recebe de Deus um carisma contemplativo. Os padres teólogos da igreja oriental colocam a arte no centro da contemplação.

A existência de Deus prova-se com a adoração e não com as provas, ou seja, com o argumento litúrgico e o da iconografia. O esplendor do belo está unido à verdade, mas esta não existe em abstrato. Cristo é a verdade.

A contemplação da beleza não é apenas estética, precisa do ato religioso da fé. A beleza não se formula senão começando por Deus. "Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito" disse Jesus no Sermão da Montanha (Mt. 5, 48), o que equivale a dizer, sede belos como o vosso Pai celeste é Belo.

Causa-nos um sentido de maravilha, a nós ocidentais, assistir à solene procissão com os ícones na festa da Ortodoxia, no primeiro domingo da Quaresma, exaltando as imagens sagradas, proclamando os dogmas dos primeiros sete concílios ecumênicos, indicando desta forma que os ícones para a igreja do oriente, são muito mais do que para nós são as nossas imagens sagradas. Sem uma preparação adequada, nós não percebemos, nada do sentido litúrgico dos ícones orientais, da sua mensagem espiritual, da poesia sagrada, do ascetismo e experiência mística.

Segundo a tradição oriental, o ícone é, antes de tudo, um fenómeno religioso cuja função é conservar a verdade original da face de Cristo, de Maria e dos santos.

Teodoro, **Bispo** Emérito do Funchal

Distinguindo-se da restante coleção deste Museu, quer pelo contexto histórico quer pela expressão este núcleo exhibe parte de um conjunto de 101 ícones doados ao Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF) pelo Bispo Emérito da Diocese do Funchal, D. Teodoro de Faria, em setembro de 2023.

Nascido na Ilha da Madeira, em 1930 e ordenado, no Funchal, em 1956, D. Teodoro de Faria estudou em Roma e Jerusalém; foi professor de Sagrada Escritura no Seminário Diocesano do Funchal e Vice-reitor do Pontifício Colégio Português, em Roma, onde frequentou a Pontifícia Faculdade Teológica "Marianum". Foi sagrado Bispo a 16 de maio de 1982, pelo Papa João Paulo II, tomando posse da Diocese do Funchal a 30 de maio desse ano. Tem várias obras publicadas e tem organizado peregrinações à Terra Santa, no sentido de dar a conhecer os lugares de Sagradas Escritura. Ao longo da sua vida e das suas viagens, foi colecionando ícones originários das terras da ortodoxia oriental, desenvolvendo com eles uma relação devocional.

Esta coleção foi apresentada ao público, pela primeira vez, em 2018, no MASF na exposição Ícone: Beleza e Mistério que teve a curadoria de Martinho Mendes e o apoio científico de Irina Curto. Daqui nasceu a vontade de a doar permanente. Surgiu, então, em 2024, este núcleo, onde a tradição e a diversidade temática suscitam novos olhares sobre a arte sacra, enriquecendo sobremaneira a coleção do MASF e experiência de quem o visita.

¹ *Teologia* (do grego antigo: *θεολογία*, *theología*[1]) é o estudo crítico da natureza dos deuses, seres divinos, ou de Deus, seus atributos e sua relação com os homens.



OS ÍCONES

A palavra grega "eikon", de onde advém a palavra ícone, significa "representação de algo em imagem pictórica". Ícone é também um termo técnico que perdura associado ao universo da pintura sacra que define essencialmente uma forma de "escrita" através da imagem, vinculada à tradição cristã ortodoxa.

A técnica da pintura de ícone não é necessariamente difícil, mas o processo criativo do pintor de ícones é de um envolvimento que procura a absoluta perfeição; o ato de pintar um ícone é um exercício de oração que implica uma, preparação espiritual e religiosa. Esta maneira de pintar, com pigmentos naturais, misturados com gema de ovo, que evoluiu para a técnica da pintura a tempera, dava a possibilidade aos iconógrafos antigos de criar verdadeiras sinfonias de cor.

Um ícone é elaborado através de várias camadas de pintura. As tintas são aplicadas numa vasta gama de consistências, desde o muito fluido ao mais pastoso. O aspeto plástico das faces é obtido pela aplicação de finíssimas pinceladas, umas paralelas às outras, as mais claras por cima das mais escuras, sendo desta forma que são obtidas as expressivas faces típicas da arte iconográfica russa.

O cristianismo foi instaurado na Antiga Rússia no século X como religião oficial e manteve consigo a tradição da veneração das imagens sagradas (iconolatria) com origem em Bizâncio. As Igrejas Ortodoxas veneram o ícone, e não somente como decoração do templo ou como meio de ilustração das Sagradas Escrituras. A iconografia é um meio através do qual se dá a conhecer a Revelação Divina, uma forma na qual se encontram as ações do divino e do humano. Por isso, os ícones são muitas vezes chamados de "teologia em cores". De uma maneira concisa e espontânea, o ícone materializa em Imagem aquilo que é expresso verbalmente na sagrada liturgia.

Os iconógrafos dos primeiros séculos foram monges anónimos cujo trabalho, acompanhado de oração e jejum, era em si uma forma de oração. Por essa razão, são raríssimas as assinaturas ou marcas reveladoras da autoria, embora exista alguma documentação histórica que revela os nomes de pintores de ícones russos conhecidos, como Alimpiy, Theofano o Grego, Andrei Rublev e Dionísio

Na Rússia, de onde são originários muitos ícones desta coleção, os ícones tiveram e têm importante lugar na vida quotidiana, não apenas como parte da decoração das igrejas, mas também como presença obrigatório em todas as casas russas, desde o palácio do Czar até à casa simples de um camponês. Até ao fim do século XVII, os preceitos russos não permitiam outras decorações nas paredes.

No princípio do século XVII registou-se uma oposição entre o reformador Czar Pedro o Grande e os conservadores tradicionalistas, conflito que teve como uma das suas facetas mais importantes uma profunda reforma da Igreja Ortodoxa Russa desejada e ordenada pelo Imperador. A decisão de Pedro o Grande, suscitou confrontos entre os reformistas e os chamados Velhos Crentes (em russo, "Staroveri") que acabaram por se separar da Igreja oficial em protesto contra as reformas introduzidas, entre 1652 e 1666, pelo Patriarca Nikon.

Depois de 1698, e até aos finais do século XVIII, surgiram em toda a Rússia oficinas de pintura fundadas pelos Velhos Crentes, que se transformaram ao longo dos anos em autênticas aldeias de pintura. Em todas as oficinas e aldeias de pintura dos Velhos Crentes a premissa consistia em dar continuidade aos ensinamentos dos antigos mestres, mantendo sempre um nível de excelente qualidade artística.

A responsabilidade ideológica para com a tradição impunha-se nas suas práticas. Assim, os Velhos Crentes sempre rejeitaram influências da arte ocidental.

Para satisfazer os gostos dos clientes ligados ao Czar, assim como os gostos da corte imperial e dos mais poderosos comerciantes, foi, por seu lado, fundada a Escola do Czar, com sede na sala de armas do Imperador, em Moscovo. Nesta escola a execução era mais detalhada e graciosa e os ícones desenvolveram-se como peças de decoração. O

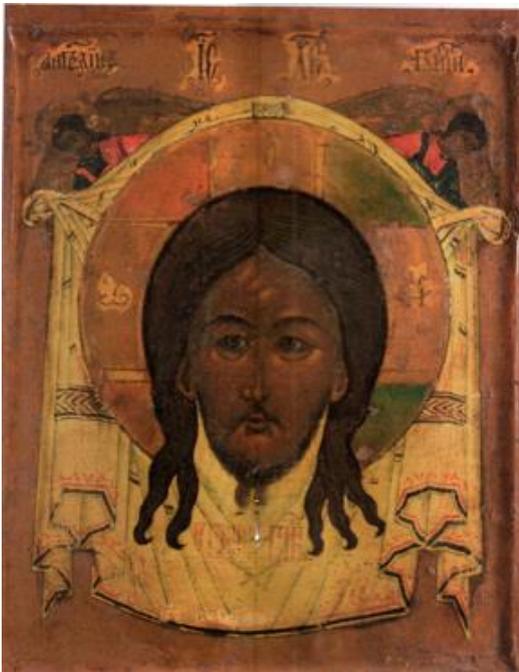
culto das imagens perdeu o seu significado original. Pintores ocidentais, contratados para esta oficina, influenciaram a pintura iconográfica. As representações eram agora feitas com figuras mais pequenas, e parcialmente elaboradas com a ajuda de uma lupa, sem, porém, se perdera clara intenção de afirmação religiosa. As roupagens e as faces, minuciosamente expressivas, são hoje consideradas uma das características particularmente notáveis da pintura da Escola Russa.

A iconografia russa continuou a desenvolver-se ativamente até ao início do século XX. Os acontecimentos históricos que não o esgotamento do potencial artístico dos pintores, suspenderam esse desenvolvimento. Com a sua violência, a Revolução de 1917 quebrou o desenvolvimento da cultura da iconografia ortodoxa russa.

Hoje em dia, tendo retomado o seu papel, o ícone vive, tal como a Igreja Ortodoxa Russa, um novo período. O mundo da pintura iconográfica russa tem despertado cada vez mais a atenção dos apreciadores e estudiosos da "arte ocidental". O valor decorativo dos ícones, independentemente da sua origem específica e da sua época tem, na sua génese, uma mensagem espiritual que agarra o observador sensível e interessado na cultura universal.

ICONOGRAFIA DE CRISTO

O Mandylion de Edessa é considerado o primeiro ícone de Cristo, feito pela impressão do seu próprio rosto, representação iconográfica dita "acheiropoieta", literalmente "não feito por mão humana".



Geralmente, na tradição ortodoxa, evoca-se a narrativa apócrifa da história do rei Abgar² que, estando gravemente doente, enviou a Cristo uma carta, rogando a sua cura. Como resposta, Cristo enviou-lhe a imagem milagrosa do seu rosto num tecido e, ao vê-la, Abgar ficou curado.

Entre as representações iconográficas mais conhecidas de Cristo encontram-se ainda o Cristo Pantocrator, sentado no trono, representado a meio corpo, sempre com a mão direita a abençoar e com o Evangelho na mão esquerda e o Cristo Emanuel, que retrata Cristo ainda jovem e imberbe. Dentro da representação da Deesis (Intercessão), o motivo central da Iconóstase nas igrejas Ortodoxas Russa, a imagem de Cristo é ladeada por Nossa Senhora e por São João Baptista, rezando pelos homens.

² <https://bibliaseensina.com.br/carta-do-rei-abgaro-de-edessa-a-jesus/>

Complementando este primeiro grupo, observam-se as representações da Pietá, da Sofia (Sapiência de Deus) e da Omnividência de Deus, entre outras representações iconográficas da vida de Cristo.

ICONOGRAFIA DE NOSSA SENHORA



Os ícones da Virgem dividem-se em cinco subgrupos, compreendendo cerca de 260 representações diferentes. Segundo a lenda, as primeiras imagens da Virgem Hodegitria foram feitas pelo Evangelista São Lucas³ e terão inspirado todas as imagens pintadas posteriormente.

Na coleção patente podemos encontrar exemplares da maioria destes cinco subgrupos, bem como de passagens da vida da Virgem que nos remetem para as principais festividades da Igreja Ortodoxa Russa dedicadas à Virgem.

³ <https://offlattes.com/archives/15080>

Orante (Virgem do Sinal) A Virgem é representada em posição frontal, simétrica, erguendo as mãos em oração a Deus, num gesto de total disponibilidade para receber a encarnação do Verbo Divino, Jesus Cristo. Por vezes, a representação de Cristo surge circunscrita a um medalhão circular, sobre o peito da Virgem.

Eleousa ou Umilenie Genericamente conhecida como Virgem da Ternura. O Menino surge nestas representações aninhado à face da Virgem, geralmente encostando a sua face na bochecha da Mãe. O ícone mais conhecido deste subgrupo é a Mãe de Deus Vladimirskaia, um dos mais venerados ícones ortodoxos.

Hodegitria Significa literalmente a "Mãe de Deus que mostra o Caminho" ou "Guia". Neste subgrupo integram-se os ícones da Virgem Tikhvinskaya, Smolenskaya, Kazanskaya, Virgem das três mãos entre outros. A Virgem é representada segurando o Filho com um dos braços e apontando para ele como fonte de salvação.

Agiosoritissa Tradicionalmente, a Mãe de Deus é representada, sem o Infante ao colo, voltada a três quartos para a sua esquerda, segurando com a mão esquerda um rolo aberto. Esta imagem da Nossa Senhora encontra-se geralmente associada às representações da Deesis (Intercessão).

Panachranta A Virgem é representada sentada num trono com o seu filho ao colo.

IMAGENS DOS SANTOS

O conjunto iconográfico das imagens dos santos é o mais diverso de todos, com cerca de 5000 motivos. A profunda piedade popular, a fé nos "protetores celestiais" contra as doenças, os incêndios, as más colheitas e a fome suscitaram o surgimento de um grande número de ícones de santos, que o homem da Rússia medieval invocava nas suas

A este grupo pertencem, em primeiro lugar, os Profetas do Antigo Testamento, São João Baptista, referido nos dois Testamentos, os Santos Evangelistas e os Apóstolos.

Contam-se ainda os Mártires, os Doutores da Igreja e Santos Seculares, como o Imperador Constantino, ou a sua mãe Helena, muitas vezes não reconhecidos como tal na cultura ocidental.

Nesta coleção podemos encontrar exemplares de ícones de alguns dos Santos de maior devoção na Igreja Ortodoxa.



OS DIAS DE FESTA

Derivando do Antigo e Novo Testamento e Escrituras Apócrifas, são essencialmente doze as principais festividades da Igreja Ortodoxa, a que acresce a Páscoa, central a todas as outras, ao reportar-se à Ressurreição de Cristo.

As doze festividades estão divididas em oito grandes festas dedicadas a Cristo e quatro dedicadas à Virgem Maria:

1. Nascimento da Virgem Maria
2. Exaltação da Santa Cruz
3. Apresentação da Virgem Maria no Templo
4. Natividade de Jesus

1. Batismo de Jesus Cristo
2. Apresentação de Jesus no Templo
3. Anunciação do Arcanjo Gabriel à Virgem
4. Entrada de Jesus Cristo em Jerusalém
5. Ascensão de Cristo aos céus
6. Santíssima Trindade ou Pentecostes (quinquagésimo dia após a Ressurreição)
7. Transfiguração de Cristo
8. Dormição da Virgem

MENOLOGIOS

Menológico é o termo referente ao calendário anual no qual se assinalam as festividades dos respetivos santos. Este tipo de calendários assume um carácter devocional e memorativo, sendo geralmente afixado junto à entrada dos templos.

A tradição dos Calendários Menológicos inicia-se com a necessidade de registar os dias das festas dos santos, e de tornar memorável o exemplo das suas vidas.

Tal como nos restantes ícones, as representações dos santos estavam codificadas de forma muito precisa em diversos manuais de pintura de género hagiográfico (podlinniki).

Nota: realizado a partir da publicação "Ícones" do MFAS